

# OS MOVIMENTOS SOCIAIS DA ATUALIDADE E O PAPEL DO LÍDER NA CONSTRUÇÃO DOS MOVIMENTOS EM REDE



---

Maria Laís Alves de Araújo (laismariaaraujo@gmail.com)\*

---

**Resumo:** O artigo apresenta uma análise sobre o enquadramento teórico do conceito de movimento social, enfatizando o papel do líder nos movimentos sociais na era digital, em que o par legitimidade/obediência confronta-se com independência/resistência trazidos pelas redes sociais e horizontalidade/autonomia pelos novíssimos movimentos sociais. Dessa forma, no primeiro momento tentamos entender o que diferencia movimento entre as teorias e, em seguida, identificar se a ideia da ausência de cadeias hierárquicas trazidas pelos novíssimos movimentos sociais põe fim ao protagonismo das lideranças. Escolhemos o Movimento Brasil Livre (MBL) como movimento de verificação. Nossa pesquisa possui viés exploratório de análise de redes e utilizamos como fonte de dados a página oficial do Facebook do MBL e a ferramenta Google Trends. Observamos então que há conexão entre as teorias e que, mesmo com a utilização das redes sociais digitais, os líderes ainda se apresentam como agentes necessários nesse processo.

**Palavras-chave:** teoria dos movimentos sociais; novíssimos movimentos sociais; redes de movimentos.

## ANALYSIS OF CONTEMPORARY SOCIAL MOVEMENTS FROM THEORIES UNDER DEBATE

**Abstract:** The article presents an analysis of the theoretical framework given to the concept of Social Movement, emphasizing the role of the leader in social movements in the digital age, where the pair legitimacy / obedience is confronted with independence / resistance brought by social networks and horizontality / autonomy by brand new social movements. Thus, at first we try to understand what differentiates movement between theories and then try to identify whether the idea of the absence of hierarchical chains brought by the brand new social movements puts an end to the leadership role. We chose MBL as a movement for analysis. Our research has an exploratory bias in network analysis and we used MBL's official Facebook page and the Google Trends tool as data source. We then observed that there is a connection between theories and that, even with the use of digital social networks, leaders still present themselves as necessary agents in this process.

**Keywords:** theory of social movements; brand new social movements; social; movement networks.

---

\* Mestranda em Ciência Política pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos realizados no Brasil a respeito das mobilizações a partir da segunda década dos anos 2000 (enquadrados na teoria dos novíssimos movimentos sociais), de acordo com Tatagiba e Galvão (2019), têm estimulado um salutar desenvolvimento do campo de estudos sobre os protestos, uma área de investigação ainda embrionária na academia brasileira. Os principais focos dos novos estudos são os eventos de 2013 e 2015–2016, a partir de sua relação com a crise política que culminou no *impeachment* de Dilma Rousseff e, mais recentemente, os movimentos que têm como temática o antpartidarismo ou a renovação política.

Nesse entendimento, “a ação dos líderes é fundamental para o surgimento de movimentos”. Mais do que isso, “os estilos de liderança influenciam o próprio perfil dos movimentos e organizações, afetando sua atuação e, consequentemente, os resultados por eles obtidos e os rumos por eles tomados” (LERBACH, 2012). Mas como fica o papel do líder e dos próprios movimentos sociais quando essa figura é trocada pela automação e gerenciamento das redes? Para respondermos essa pergunta teremos que analisar dentro da perspectiva dos novíssimos movimentos sociais o lugar da liderança na era da organização de Movimentos Sociais (MS) através da internet e assim contribuir com o debate acadêmico no sentido da formação da agenda de pesquisa dos novíssimos movimentos sociais, visto que esse aspecto ainda é pouco discutido na Ciência Política.

Além disso, definir de maneira homogênea e consensual o que é Movimento Social, seja no debate acadêmico ou de acordo com as perspectivas analíticas estudadas, não é tarefa fácil. Com o aprofundamento do tema, principalmente a partir da década de 1960, os estudos sobre Movimentos Sociais ganharam cada vez mais importância, e as temáticas analisadas por pesquisadores ou exercidas por seus atores também mudaram de foco. Alonso (2009) afirma que os MS, como os direitos civis, o feminista e o ambientalista, adotaram demandas contemporâneas em suas agendas. Diz que suas organizações civis se profissionalizaram, que muitos de seus ativistas se converteram em autoridades políticas e que as mobilizações coletivas ganharam escala global, caráter violento e se concentraram em bandeiras identitárias.

Por esse motivo, as teorias interpretativas clássicas sobre a concepção de movimentos sociais tiveram que ser revistas, para acompanhar os desdobramentos que a contemporaneidade impunha. A respeito disso, Alonso (2009) destaca que a ruptura de análise desses acontecimentos estava no próprio nome que o fenômeno ganhou (movimentos), usado no sentido de ações coordenadas, fora das instituições políticas e praticadas por jovens, mulheres, estudantes, profissionais liberais, e que, mais do que movimentos, falava de movimentos sociais.

A essas novas questões que estavam sendo impostas pela sociedade, pela nova agenda de demandas e pelos atores envolvidos, novas teorias foram postas à prova como arcabouço explicativo. Podemos citar como exemplo a Teoria de mobilização de recursos (TMR)<sup>1</sup>, a Teoria do processo político (TPP)<sup>2</sup> e a Teoria dos novos movimentos sociais (TNMS)<sup>3</sup>.

Problematizar o conceito de movimento social e tentar verificar as aproximações e desvios entre as teorias explicativas é um processo já muito trabalhado, principalmente quando se relaciona às teorias explicativas dos novos movimentos, iniciados a partir da década de 1960. Mesmo assim, trazer essa questão ao debate nos dias atuais ainda é salutar, no sentido de verificarmos se essas teorias conseguem acompanhar os desdobramentos dos movimentos atuais. Em uma outra época (1930–1960), em outro contexto, novas teorias surgiram, porque as teorias clássicas, como a teoria da revolução e a teoria da desmobilização política, já não estavam mais conseguindo responder o porquê e o como dos movimentos sociais, surgindo no cenário as análises interpretativas propostas pela TMR, TPP e TNMS.

Entretanto, conforme afirma Nunes (2014), a discussão do conceito de movimento social e da sua singularidade em face de outros modos de ação coletiva tem vindo a perder a centralidade de outrora, ou seja, a preocupação atual dos investigadores não é tanto definir o que é um movimento social ou os fatores que levam à sua formação, mas refletir sobre as principais tendências das formas de ação coletiva contemporânea. Nesse sentido, utilizaremos duas teorias, a teoria dos novíssimos movimentos sociais e a teoria de redes de movimentos para tentar explicar a confluência da práxis com a teoria.

De acordo com Perez e Souza (2017), na literatura brasileira a categoria de novíssimos movimentos sociais ainda é pouco utilizada. A partir da leitura de Gohn (2016), o termo é usado para distinguir a novidade dos novíssimos movimentos sociais em relação aos clássicos (ligados à luta da classe trabalhadora e com organização verticalizada), bem como dos novos movimentos sociais (que atuam com pautas identitárias em rede e em Instituições de Participação).

Conforme Segurado, Bachini e Chicarino (2015), para analisarmos as transformações que estão em curso na configuração dos movimentos sociais e políticos contemporâneos, é fundamental compreendermos a atuação política em rede proporcionada e impulsionada pela internet. O uso das redes sociais, devido ao seu alcance e número de adeptos, é hoje determinante para organização e mobilização de grupos sociais. Nesse sentido, observamos que, a partir da popularização das redes digitais, atores que antes possuíam pouco espaço, ou nenhum, para divulgar suas ideias, passaram a se organizar em rede e assim disseminá-las para um grande número de pessoas. Ainda segundo os autores, a expansão da política para as redes e o seu retorno às ruas desencadeia a ampliação de interlocutores na arena política, propiciando as manifestações de diversos sujeitos sociais e qualificando-os na arena de debates dentro e fora da rede, online e off-line.

Os estudos realizados no Brasil a respeito das mobilizações a partir da segunda década dos anos 2000, enquadrados na teoria dos novíssimos movimentos sociais, de acordo com Tatagiba e Galvão (2019), têm estimulado um salutar desenvolvimento do campo de estudos sobre os protestos, uma área de investigação ainda embrionária na academia brasileira. Os principais focos dos novos estudos são os eventos de 2013 e 2015–2016, a partir de sua relação com a crise política que culminou no impeachment de Dilma Rousseff e mais recentemente os movimentos que têm como temática o antipartidarismo ou a renovação política. Nos estudos já realizados, entretanto, fica de lado a questão do papel da liderança nesses movimentos.

A partir de 2013, novíssimos atores entram em cena e mudaram o panorama das manifestações no Brasil, com multidões nas ruas, após serem convocadas por redes sociais on-line (GOHN, 2016). De acordo com Della Porta e Tarrow (2005 *apud* GOHN, 2016, p. 129),

os protestos de Junho demarcaram a inclusão de novas formas de ativismo, transnacional, atuando em questões locais e nacionais, além de retomarem com força demandas focadas em problemas da vida cotidiana — mobilidade urbana, emprego, finanças/salário, dívidas, serviços sociais como educação e saúde, moradia popular, terra para viver e plantar (demanda já secular, agora em confronto com o agronegócio e outros) etc. Fazendo-se valer de pautas múltiplas, num cenário de organização e mobilização gerenciados pela internet, não têm liderança, mas todos são líderes.

A horizontalidade e ausência de cadeias hierárquicas, características trazidas pelos novíssimos movimentos sociais, fazem com que a representação da figura do líder seja diminuída? Para respondermos a essa pergunta, analisamos as características de um dos movimentos da atualidade, classificado de acordo com a perspectiva teórica como novíssimo movimento, o MBL, utilizando procedimento de análise de redes. Nessa perspectiva, dividimos nosso artigo em três seções. Na primeira tentamos identificar a tipologia de movimentos sociais, de acordo com as teorias, para tentarmos entender o comportamento dos seus atores, nos diversos tipos de movimentos. Na segunda seção, discorreremos sobre os procedimentos de pesquisa, os dados que coletamos e as ferramentas de análise. Na terceira seção, apresentamos os dados colhidos através do Facebook e do Google Trends, das informações que obtivemos ao associar esses eventos e as redes de conexões obtidas. Por fim, apresentamos nossas conclusões.

## 2 O QUE É NOVO NOS NOVOS E NOVÍSSIMOS MOVIMENTOS SOCIAIS?

Os movimentos sociais desempenham um papel fundamental na configuração das sociedades, na defesa dos direitos dos cidadãos e garantia do funcionamento da democracia. Por esse motivo, os pesquisadores sociais vêm ao longo dos anos

dedicando suas pesquisas para explicar, entre outros aspectos, as origens, as motivações e os atores envolvidos nos MS.

Para Nunes (2014), ao longo das últimas décadas, o estudo dos movimentos sociais foi atravessado por diferentes debates que permitiram pensar os movimentos sociais, os grupos de protesto de ativistas e as mobilizações sociais e políticas dos cidadãos a partir de diferentes ângulos. A partir desses estudos, podemos enquadrar essas manifestações em teorias que tentam legitimar sua atuação. E percebemos que o próprio sentido do que é MS muda de acordo com a teoria analisada e o seu contexto.

A Teoria dos novos movimentos sociais, segundo Alonso (2009), prega que as novas mobilizações não teriam uma base social demarcada. Seus atores agora se definem por formas de vida. Os “novos sujeitos” não seriam, então, classes, mas grupos marginais em relação aos padrões de normalidade sociocultural. Nesse sentido, conforme Perez e Souza (2017), os novos movimentos sociais são caracterizados mais por suas lutas identitárias do que pelo interesse de classes, de modo que seus atores, após a conquista do direito à participação política com a redemocratização, passaram a lutar pela ampliação e concretização de direitos para mulheres, negros e casais homoafetivos, apenas para citar alguns exemplos.

Por outro lado, uma nova teoria vem despertando interesse de alguns autores quando da análise dos movimentos sociais da atualidade, a teoria dos novíssimos movimentos sociais, em que a horizontalidade, autogestão, ausência de lideranças ou de intelectuais orgânicos, autonomia, transversalidade temática, foco na ampliação de liberdades e ampla utilização das redes sociais digitais são algumas das novidades.

Augusto, Rosa e Resende (2016) citam como expoentes dessa teoria os movimentos Bicicletada Vitória (em Vitória-ES) e o MPL 5 (Movimento Passe Livre). Sobre este último, Maria da Glória Gohn (2016), destaca inúmeras novidades, como a falta de líderes declarados e o fato de as decisões serem elaboradas, em sua maioria, através de consensos e a ausência de carros de som. Além disso, os ativistas utilizavam uma camiseta branca e preta com o desenho de uma catraca. Em comum, segundo Augusto, Rosa e Resende (2016), os novíssimos movimentos sociais prezam pelos princípios do apartidarismo, horizontalidade, autonomia e constituição de frente de luta para pressionar por um objetivo específico. Utilizando principalmente o MPL como representante dessa teoria, podemos contrapor-la aos enquadramentos antigos sobre MS, se é que podemos chamar as teorias da década de 60 a 80 dessa forma. Nos “novíssimos movimentos sociais”, segundo os mesmos autores, existe uma luta antiglobalização, ações violentas por partes da polícia e dos ativistas (Black bloc), ações coletivas desencadeadoras de outras ações em diferentes locais e mobilização através das redes sociais digitais, através de celulares e diferentes formas de mídias móveis. O registro instantâneo de suas ações transformou-se

em arma de luta e em ações que geram outras ações através de suas difusões por meio de ferramentas como Twitter, Facebook, Youtube, Tumblr, blogs etc.

De acordo com Perez e Souza (2017), a discussão sobre a “novidade” dos movimentos sociais já foi tema do debate da literatura sobre movimentos sociais produzida entre as décadas de 1960 e 1980 na Europa e no Brasil, porém, com a eclosão dos novos movimentos sociais, os movimentos da atualidade, suas particularidades e a ampla utilização das redes sociais, as novas perspectivas de estudo, como a teoria dos novíssimos movimentos sociais, ganharam destaque. Por esse motivo, incluindo o desejo de tentar entendê-los, já que fogem das abordagens antigas, é que as Jornadas de Junho, e mais recentemente o Movimento Brasil Livre, figuram intensamente nas agendas de pesquisas sobre MS da atualidade.

Esses movimentos sociais (construídos) em rede têm formação dinâmica, valores e perspectivas de mudanças sociais e culturais. Sua comunicação é multimodal, no sentido de que são utilizados diferentes meios discursivos para organização e interação entre os/as participantes. (CASTELLS, 2013).

Considerando a importância desses movimentos para a construção dos debates teóricos e acadêmicos atuais, surge a necessidade de analisarmos também onde se insere a perspectiva dos agentes envolvidos nesse processo e em que sentido a teoria que os distingue se aproxima de suas práxis.

Comumente associada aos movimentos da atualidade, as redes digitais possuem papel preponderante para mobilização, divulgação de ideias e convocação de outros manifestos, por dar voz às pessoas que não tinham/têm espaço nas mídias tradicionais e ainda por possibilitar uma conexão entre diferentes grupos. De acordo com Torres (2016), todas as sociedades, das mais simples às mais complexas, são um conjunto de redes sociais mais ou menos difusas, maiores ou menores. Para o autor, a perspectiva de redes está presente inclusive nos movimentos enquadrados no viés de teorias clássicas, desde o sentido de instrumento, com a eficácia possível de acordo com os meios técnicos disponíveis, e, para além desse aspecto, no sentido de conexão, citando como exemplo a revolta em Évora (Portugal), que motivou revoltas em outros locais no Centro e Sul do país, mostrando que houve uma ligação entre os acontecimentos.

A partir das considerações obtidas pela análise das teorias dos movimentos sociais, neste artigo analisaremos como a classificação dada pela teoria dos novíssimos movimentos sociais, ao tipificar os movimentos da atualidade pelo viés da horizontalidade, utilização das redes sociais digitais, distanciamento de partidos políticos e ausência efetiva da figura do líder, relaciona-se na prática com a ação desses movimentos.

### 3 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Este artigo buscou realizar uma análise sobre as relações observadas no Movimento Brasil Livre (MBL) e suas conexões a partir das principais tendências de pesquisa realizadas na ferramenta Google Trends, que possibilita a visualização do comportamento de determinado termo quando pesquisado no Google, em determinado tempo. Nossa análise foi feita no período de 1º de janeiro de 2016 a 28 de outubro de 2018.

Utilizamos como termo de pesquisa “Movimento Brasil Livre”, por se enquadrar nas perspectivas teóricas aqui já discutidas. O Google Trends gerou gráficos com a frequência em que o termo foi pesquisado. Nosso objetivo foi analisar apenas pesquisas realizadas no Brasil, por isso filtramos a localização por país. Além disso, essa ferramenta nos possibilitou verificar as consultas e os tópicos relacionados ao assunto. Os gráficos gerados são divididos em dois eixos, onde o eixo horizontal representa o período (data) em que ocorreu a pesquisa e o vertical a frequência (o volume) com que esse termo foi pesquisado. A partir desses dados, conseguimos observar conexões desse termo (Movimento) com outras buscas no Google, buscas essas que representam outros eventos e atores.

No segundo momento, exportamos os dados fornecidos pela ferramenta Google Trends para o Excel, tanto a frequência de consulta quanto as associações de consultas e assuntos geradas a partir da busca pelo termo “Movimento Brasil Livre”. Para os dados gerados a respeito do volume e da data de sua realização, associamos por meio de tabela as datas das pesquisas aos eventos organizados pelo MBL na plataforma Facebook. Essa tabela foi exportada para o software Gephi, para produção dos grafos.

### 4 O MOVIMENTO BRASIL LIVRE SOB ANÁLISE

De acordo com Scherer-Warren (2008), as diferentes organizações e tendências dos movimentos sociais se encontram e negociam ações políticas. Isso ocorre porque o movimento social atua cada vez mais sob a forma de rede. Nesse sentido, e corroborando o que foi dito por ela, percebemos que os movimentos de cunho político da atualidade, no Brasil, como o Movimento Brasil Livre, possuem uma relação de causalidade entre os atores envolvidos, suas demandas e o contexto do país, criando identidades coletivas que possibilitam a articulação dos movimentos específicos numa rede de movimentos sociais (SCHERER-WARREN, 2008).

Nessa pesquisa, verificamos o termo “Movimento Brasil Livre”, ao longo do período que foi analisado. Observamos que as datas em que aparecem os maiores picos de pesquisa desse termo no Google estiveram relacionadas a acontecimentos (manifestações, protestos de ruas) ou provocados pelo MBL, ou com sua participação.

O dia 13 de março de 2016, como observamos no Gráfico 1, foi a data com o maior índice de consultas no Google para assuntos relacionados ao MBL. Nesse mesmo dia, aconteceu a maior manifestação a favor do *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, em que cerca de três milhões de pessoas foram às ruas em todos os estados do país. Nessa mesma data, em sua página oficial do Facebook, o MBL convocava seus seguidores e apoiadores para essa manifestação.

Para representar as interações entre esses eventos, utilizamos os grafos (Gráficos 1 e 2) produzidos através da ferramenta Gephi, onde cada nó simboliza a ligação entre a semana que houve maior busca no Google pelo termo “Movimento Brasil Livre” e os eventos convocados pelo Facebook nas datas associadas às pesquisas.

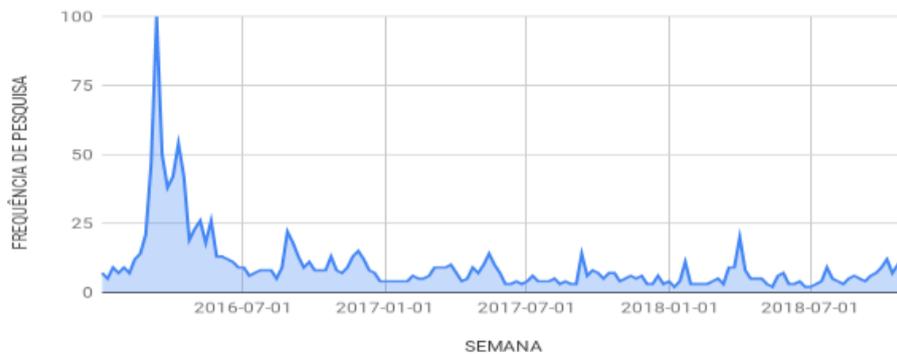
Percebemos então um certo distanciamento desses movimentos com a concepção trazida pela teoria dos novíssimos movimentos sociais, no sentido de que o ideário de horizontalidade organizacional é permeado pela existência de elos internos que atuam a partir de representações políticas formalmente mais hierarquizadas.

Além disso, é necessário lembrar que, mesmo nas organizações de base, há delegações de poder necessárias à eficácia e à viabilização da participação em práticas políticas, especialmente as institucionais, de acordo com Scherer-Warren (2008). O aumento das interações e conectividades dos elementos dentro de um sistema nos permite entender essas interações por uma perspectiva diferente, como, por exemplo, pela teoria das redes, e verificar o quão conectado é um elemento a outro e, ainda assim, verificarmos a participação e o poder de liderança de figuras centrais que participam desses movimentos, como Kim Kataguiri. Sua imagem estava diretamente relacionada ao movimento, principalmente quando se observam os eventos de convocação para manifestações na página oficial do MBL no Facebook. Dessa forma, seu nome aparece como um dos mais buscados no Google pelos usuários (Gráfico 3). Dessa forma, podemos considerar que os eventos aparecem conectados e que, mesmo com a utilização de redes digitais como estratégia de mobilização, pessoas representativas desses movimentos não saíram de cena e contribuíram para divulgação e organização dos mesmos.

O Gráfico 1 representa a frequência com que foram pesquisados no Google termos relacionados à palavra-chave “Movimento Brasil Livre”, coletados a partir da ferramenta Google Trends, ao longo do período de 1 de janeiro de 2016 a 28 de outubro de 2018.

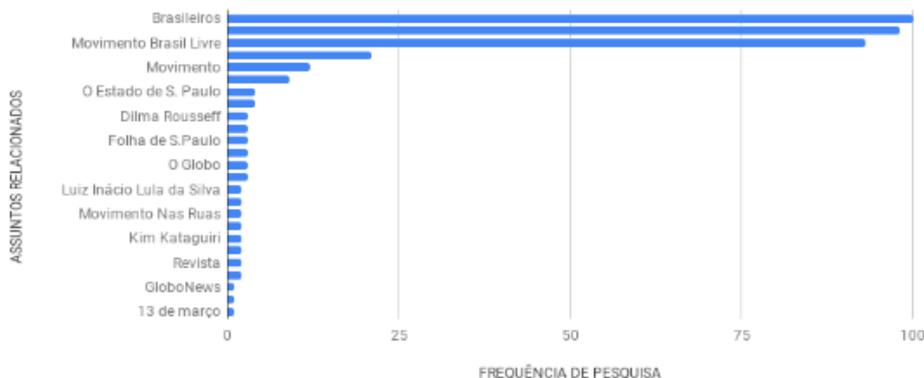
Os números representam o interesse de pesquisa relativo ao ponto mais alto no gráfico de uma determinada região (Brasil) em um dado período. Um valor de 100 representa o pico de popularidade de um termo. Um valor de 50 significa que o termo teve metade da popularidade e, assim, sucessivamente, para mensurar a proporcionalidade dos outros números observados. Uma pontuação de 0 significa que não havia dados suficientes sobre o termo.

GRÁFICO 1 Frequência de pesquisa x semana



Fonte: Elaborado pela autora.

GRÁFICO 2 Assunto relacionado x Frequência de pesquisa

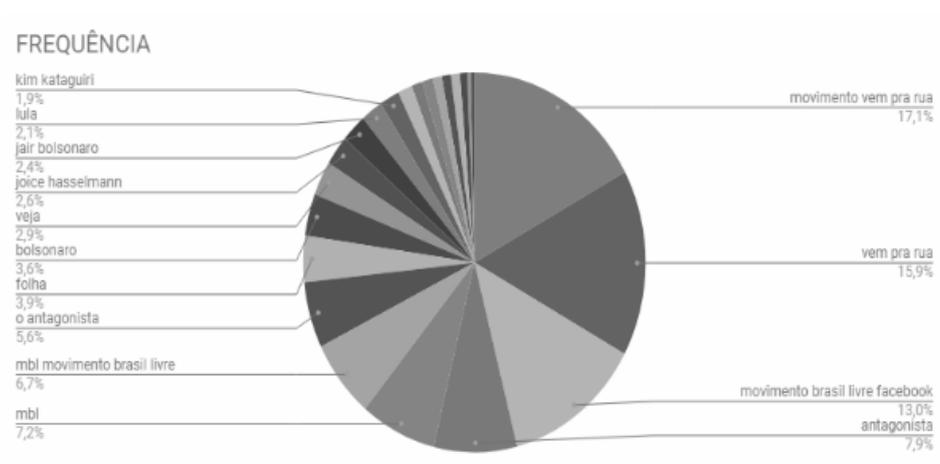


Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 2 representa a frequência de pesquisa dos principais assuntos relacionados à palavra-chave “Movimento Brasil Livre”, ou seja, os principais tópicos que foram explorados e pesquisados pelos usuários, funcionando como uma busca alternativa. Os usuários que pesquisaram pelo termo “Movimento Brasil Livre” também pesquisaram por esses assuntos.

Já o Gráfico 3 representa as principais consultas realizadas no Google por quem também pesquisou pelo termo “Movimento Brasil Livre”. A pontuação dos gráficos 3 e 4 está em uma escala relativa, em que 100 é a consulta mais pesquisada, 50 é a consulta feita com metade dessa frequência etc. Na primeira situação, as palavras mais frequentes foram: “Brasileiros”, “Movimento Brasil

GRÁFICO 3 Consulta relacionada x frequência de pesquisa



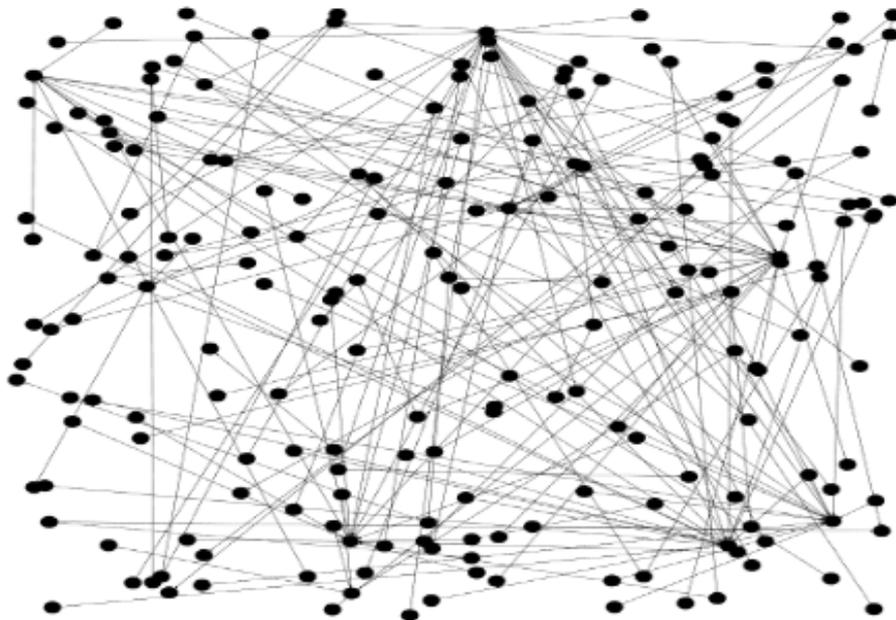
Fonte: Elaborado pela autora.

Livre”, “Movimento”, “O Estado De S. Paulo”, “Dilma Rousseff”, “Folha De S. Paulo”, “O Globo”, “Luiz Inácio Lula Da Silva”, “Movimento nas Ruas”, “Kim Kataguiri”, “Revista”, “Globonews”, “13 De Março”.

Os termos “MBL”, “Movimento Brasil Livre”, “Lula” e “Kim Kataguiri” apareceram nos dois cenários, enquanto que os termos “Jair Bolsonaro”, “Joice Hasselmann”, “Bolsonaro”, “O Antagonista”, “Movimento Vem Pra Rua”, “Vem Pra Rua” e “Movimento Brasil Livre Facebook” estiveram presentes no cenário de pesquisas das principais consultas relacionadas ao termo “Movimento Brasil Livre”.

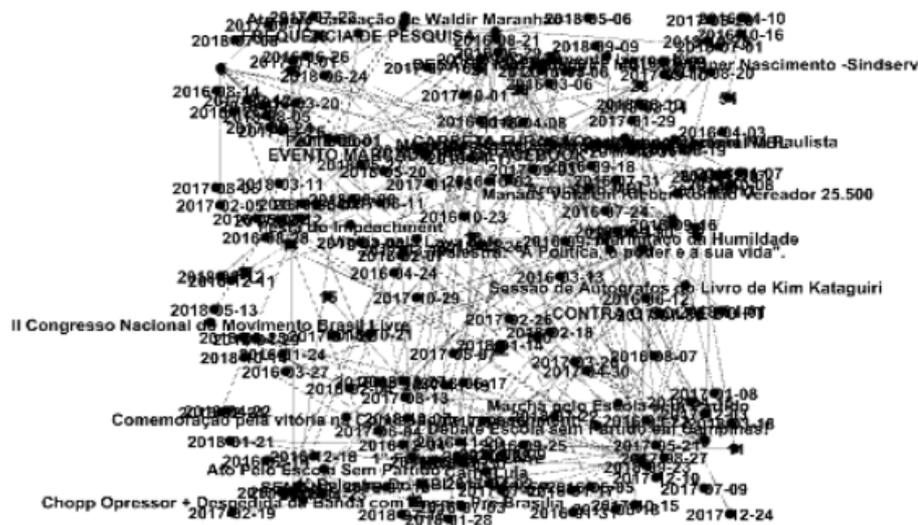
Como forma de visualizarmos essas interações, coletamos também, através da Página Oficial do MBL, no Facebook, os eventos convocados pelo Movimento. Uma vez que eles são organizados por data, podemos relacioná-los com os dados da frequência de busca do termo “MBL”, que os usuários fizeram através do Google. Ou seja, verificamos se aconteceu algum evento no dia em que os usuários fizeram mais pesquisas no Google por termos relacionados ao MBL. Exportamos essas informações por meio de tabela em excel para o software Gephi, que gerou grafos relacionando esses dados, através de nós, onde cada nó é uma interação. Como citamos acima, a data 13 de março de 2016 foi a data com o maior índice de consultas no Google para assuntos relacionados ao MBL. Nesse mesmo dia, aconteceu a maior manifestação a favor do *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff e uma Convocação do MBL no Facebook. Essas interações formam um nó.

GRAFO 1 Visualização de nós



Fonte: Elaborado pela autora a partir da ferramenta Gephi.

GRAFO 2 Visualização de nós descritos



Fonte: Elaborado pela autora a partir da ferramenta Gephi.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como base os movimentos sociais da atualidade, aqui retratados pelo Movimento Brasil Livre MBL, e observando nas suas características como se organizam, mobilizam os participantes, se comunicam e estabelecem conexões para discutir e reivindicar as demandas da sociedade, observamos que o aspecto unificador desses movimentos é a ampla utilização de meios alternativos de comunicação, as redes sociais, que funcionam também como o próprio espaço de atuação desses movimentos.

Retomando o argumento proposto por Scherer-Warren (2008) e indo ao encontro do que a teoria de redes de movimentos sociais prega, os movimentos sociais da atualidade também se caracterizam por articular a heterogeneidade de múltiplos atores coletivos em torno de unidades de referências normativas, relativamente abertas e plurais. Compreendem vários níveis organizacionais — dos agrupamentos de base e organizações de mediação aos fóruns e redes políticas de articulação.

Esse artigo apresentou inicialmente um debate acerca das teorias que analisam o novo, nos movimentos sociais, a TNMS, dos novíssimos movimentos sociais e a teoria dos movimentos em rede, com o intuito de verificar até que ponto elas conseguem explicar os movimentos a partir de suas práticas de ação. Nesse sentido, observamos que a explicação dos movimentos sociais só se dá de maneira suficiente quando o foco está no próprio movimento, ao invés do paradigma em que ele se enquadra.

Catalogar os Movimentos Sociais por tipologias de teorias não é a melhor alternativa para se construir uma visão mais ampla sobre o próprio movimento. Os contextos mudam, as sociedades mudam e a forma como os cidadãos se organizam e se manifestam também muda, e isso por uma série de fatores. Podemos listar as redes sociais digitais como uma ferramenta dos movimentos atuais, mas cada movimento em seu tempo também teve sua especificidade e, quando olhamos para o movimento pelo olhar do paradigma que ele se enquadra, estamos abalizados por características que as teorias definem como padrão. Entretanto os movimentos são mais complexos, não estáticos em suas características, podendo, como é o caso do MBL, figurar em mais de uma teoria.

Notamos um certo lapso temporal em aguardar que os movimentos aconteçam para depois se extrair suas conclusões e, por conseguinte, delimitar teorias que os explicam, porque enquanto se estuda uma teoria/movimento outros estão acontecendo e com características cada vez mais concomitantes entre si, independente de qual seja a parte do mundo em que aconteçam.

Nosso intuito não foi o aprofundamento dos conceitos sociológicos referentes à construção do líder, mas construir uma reflexão a respeito do novo papel que exerce (se exerce) a figura de um líder nos movimentos sociais na era digital.

Ao tempo que tentamos problematizar o conceito do que é movimento social pelo viés de enquadramento das teorias sociológicas, e suas implicações no papel da atuação dos líderes nos movimentos da contemporaneidade, verificamos que as características dos MS da atualidade, pelo menos uma parte delas, faz com que esses movimentos figurem entre pelo menos dois paradigmas (os dois aqui estudados). Ou seja, os movimentos se conectam, assim como observamos que a horizontalidade e autonomia, principalmente dos usuários em rede, não fazem com que o papel do líder seja substituído, mas fique associado ao movimento.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 76, p. 49–86, 2009. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010264452009000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010264452009000100003&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 9 dez. 2020.
- AUGUSTO, Acácio; ROSA, Pablo Ornelas; RESENDE, Paulo Edgar da Rocha. Capturas e resistências nas democracias liberais: uma mirada sobre a participação dos jovens nos novíssimos movimentos sociais. *Estudos de sociologia*, Araraquara, v. 21 n. 40. p. 21–37 jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/7581>. Acesso em: 28 nov. 2020.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- GOHN, Maria da Glória. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125–146, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/1987>. Acesso em: 22 out. 2020.
- LERBACH, Brena Costa. Liderança e movimentos sociais: apontamentos sobre a importância da ação do líder. *Revista Simbiótica*, Vitória-ES, Ufes, n. 1, jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/4515/3519>. Acesso em: 22 out. 2020.
- NUNES, Cristina. O conceito de movimento social em debate: dos anos 60 até à atualidade. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 75, p. 131–147, maio 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/spp/1596>. Acesso em: 4 dez. 2019.
- PEREZ, Olívia Cristina.; SOUZA, Bruno Mello Souza. Velhos, novos ou novíssimos movimentos sociais? As pautas e práticas dos coletivos. *In:*

- ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 41., Caxambu, 2017. *Anais [...]*. 2017. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/gt-30/gt11-15/10696-velhos-novos-ou-novissimos-movimentos-sociais-as-pautas-e-praticas-dos-coletivos?path=41-encontro-anual-da-anpocs/gt-30/gt11-15>. Acesso em: 11 dez. 2020.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória? *Caderno CRH*, Salvador, v. 21, n. 54, p. 505–517, set./dez. 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-49792008000300007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-49792008000300007&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 11 nov. 2020.
- SEGURADO, Rosemary; BACHINI, Natascha; CHICARINO, Tathiana. Podemos: a relação entre partido e movimento e entre liderança e protagonismo. *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 39., Caxambu, 2015. *Anais [...]*. 2015. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt04/9471-podemos-a-relacao-entre-partido-e-movimento-e-entre-lideranca-e-protagonismo/file>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- SIMÕES, José Alberto; CAMPOS, Ricardo. Juventude, movimentos sociais e redes digitais de protesto em época de crise. *Revista Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 130–150, 2016. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1159>. Acesso em: 28 out. 2020.
- Tatagiba, Luciana; Galvão, Andreia. Os protestos do Brasil em tempos de crise (2011–2016). *Opinião Pública*, v. 25, n. 01, 63–96, 2019.
- TORRES, Eduardo Cintra. O protagonismo midiático da multidão nos movimentos sociais. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 1219–1245, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1346/134648568020.pdf>. Acesso em: 2 out. 2020.